

AJEUM – COMER, DANÇAR E PARTILHAR OS TEMPOS NA MOSTRA 14 DE DANÇA

Galiana Brasil – Centro de Artes Célia Helena¹

Kleber Lourenço – PPGArtes UERJ²

RESUMO

O presente trabalho é um ensaio compartilhado, escrito a partir da experiência vivenciada em contexto pandêmico como participantes da Mostra 14 de Dança, em dezembro de 2020 na cidade de Petrolina – PE. Pretendemos aqui, partilhar parte desta vivência tecendo reflexões sobre curadoria, programação e, em especial, da ação de encerramento, intitulada “Conversa de boca cheia”, realizada na Ilha do Massangano - comunidade quilombola rodeada pelo rio São Francisco - em que, juntamente com brincadores tradicionais e artistas participantes da mostra, exercitamos o desafio de fortalecer a ação da arte e da cultura como alimentos, oferecimento saudável e humanístico.

PALAVRAS-CHAVE

Mostra de dança, Vale do São Francisco, Arte Negra

RESUMEN

El presente trabajo es un ensayo compartido, escrito a partir de la experiencia vivida en un contexto pandémico como participantes del Festival 14 de Danza, en diciembre de 2020 en la ciudad de Petrolina - PE. Aquí, pretendemos compartir parte de esta experiencia, tejiendo reflexiones sobre curaduría, programación y, en particular, la acción de cierre, titulada "Conversa de la boca llena", realizada en Ilha do Massangano - comunidad quilombola rodeada por el río São Francisco - en el cual, junto a los actores

¹ Galiana Brasil é aluna do mestrado profissional da Célia Helena Centro de Artes e Educação (SP). Orientador: Prof. Dr. Marcos Barbosa. Possui produção teórica com perspectiva decolonial nos campos da gestão cultural e pedagogia das artes cênicas, com foco em mediação cultural, formação e curadoria. Atriz. Gestora do núcleo de artes cênicas do Itaú Cultural. galianabrasil@gmail.com

² Kleber Lourenço é doutorando em Artes pela UERJ e Mestre em Artes pela UNESP. Orientadora: Prof.^a Dra. Luciana Lyra . Bolsista CAPES. Artista da Dança e do Teatro. Integra como pesquisador o grupo Motim – Mito, Ritos e Cartografias Femininas na Arte CNPQ/UERJ. Diretor do Visível Núcleo de Criação e encenador na Capulanas Cia de Arte Negra. lourencokleber@gmail.com

y artistas tradicionales participantes de la muestra, ejercitamos el desafío de fortalecer la acción del arte y la cultura como alimento, una oferta sana y humanista.

PALAVRA CLAVE

Festival de danza, Valle de São Francisco, Arte negro

Para abrir os trabalhos

Evocando a frase simbólica do educador Paulo Freire "a cabeça pensa onde os pés pisam", faz-se importante anunciar de que chão falamos. O trabalho foi realizado em Petrolina, cidade situada no vale do São Francisco, semiárido pernambucano. Na última década a cidade vem se destacando na difusão das artes, quer pelo crescente movimento de grupos e artistas, em especial vinculados à linguagem da dança, quer pela sedimentação de eventos culturais de alcance nacional, como, por exemplo, a Mostra de Arte e Cultura Aldeia do Velho Chico, realizada anualmente pelo SESC desde 2005.

A referida mostra 14 de dança, à qual este trabalho se refere, teve sua primeira edição em 2012, idealizada pelo coletivo de dança pernambucano *Qualquer um dos 2*, em homenagem ao bailarino Ailton Marcos, reconhecido no contexto local como um dos grandes incentivadores da dança na região, falecido em 2009. Desde o seu surgimento, a Mostra promove encontros entre artistas de várias regiões, apostando no formato colaborativo, imersivo e horizontal na partilha dos saberes e experiências. A última edição teve como disparador o tema “Tudo é começo, Meio, Começo” inspirado na sabedoria diaspórica africana que compreende a existência em modo espiralar, para nos lembrar ainda que, em tempos que parecem de fim, comer e dançar juntas pode mover estruturas. Uma edição marcada por performances autorais em sua maioria de artistas negres e da comunidade LGBTQI+, que traziam para a cena discursos diversos de arte e resistência.

O que trazemos a partir dessa breve introdução são nossas falas em primeira pessoa (Kleber seguido de Galiana) como devolutivas poéticas endereçadas aos grupos e artistas participantes da referida mostra. Essas duas miradas foram feitas durante ou logo após o evento por isso traduzem nossas percepções sem o filtro do tempo, como uma tentativa de captura do momento. Um pouco na contramão do que nos ensina

Larrosa (2002) nos seus escritos sobre a experiência que precisa de espaços de silêncio, tempo para contemplação, propomos um exercício de registro e compartilhamento *em tempo real*, como mostra do que reverberou dessa vivência nos nossos corpos em constante atravessamento.

Tudo é começo Meio Começo. [Mostra 14 de Dança]

São Sebastião derramou amor na água que te deram pra tomar

Bebe, bebe

A água que te deram pra tomar.

Canção de Alessandra Leão.

20.01.2021. *Okê Arô*. Saudações aos povos da mata, dos rios, das pedras, dos mares, dos ventos e do fogo. Saudações aos meus amigos dançantes da *Qualquer Um dos 2 Cia de Dança* e aos demais participantes da Mostra 14 de Dança que aconteceu há pouco mais de um mês, quando ainda era 2020 (de 13 a 19/12/2020). Essa minha carta/ensaio/conversa por meio de palavras é endereçada a vocês. Segue, agora, atravessando um espaço de tempo e geografias: eu, retornado à Pedreira, São Paulo, evoco a memória do nosso encontro nas Pedreiras, Petrolina e Juazeiro, na busca de *oferecer* e *devolver* (palavras-chaves da nossa vivência) minhas impressões e o sentimento de gratidão.

Se *tudo é começo, meio, começo...* Começo dizendo da minha alegria em retornar à cidade de Petrolina que, por muitas vezes foi alimento de troca na minha trajetória artística. Não dá para não pensar no tempo das coisas e rememorar que meu encontro com esta cidade/palco e o com Jailson Lima, se deu aos meus dezesseis anos de idade. Hoje, aos quarenta anos, percebo as transformações de nossas vidas: na profissão, no modo de ser, pensar e agir. E percebo também, através das pessoas que aí habitam, a cidade transformada, mais aberta ao diálogo e ainda mais aterrada na sua história, nas margens do rio.

Querido amigo Jailson queria te dizer da alegria que sinto em te ver mais forte, convicto de suas ações e realizador de tantos feitos artísticos. Tua trajetória está

registrada na vida de tantas pessoas e o teu traçado no mundo está delineado. Você foi edificado e edifica. Na mata tem pedras e as tuas, projetaram um caminho belo, amigo. Esse reconhecimento é fruto, colha-os, sirva-os e coma com os seus. Mais uma vez, parabéns! Agradeço ao convite para estar na Mostra com vocês, assim como, agradeço também a Galiana Brasil e André Vitor pelo olhar curatorial permeado de significâncias e afetos que delineiam esta edição especial.

Trazendo bem o começo, vejo-me recebido pelo Rio São Francisco com Galiana e Jailson, compartilhando memórias e desejos que se desenvolveriam durante a semana da Mostra. Especial foi retornar ao SESC Petrolina nesse primeiro dia da programação e perceber a *Transformância*³ dele e a do Pedro Lacerda, que abriu a programação da noite com uma obra provocativa que, buscava dar ao corpo e à voz, a dimensão de um espaço amplo, cheio de obstáculos e materialidades. Nossa presença no mundo, talvez? Para em seguida, sermos banhados pela presença também marcante de Almério, meu conterrâneo agrestino, (amigo desde os quinze anos) com seu show regado de poesia mundana, ao lado do compositor Juliano Holanda. Dá para perceber que tempo e afeto se enlaçam nessas memórias, né?

No segundo dia, 14/12, a data que dá o nome à Mostra, a memória foi a protagonista. Revi o colega Ailton Marcos (que pude conhecer em vida), homenageado, dançando com vocês. Vocês devem sempre sentir a presença dele, imagino. Ele estava no documentário apresentado, na força geracional da dança de André Vitor com o seu *Para Não Dançar Em Segredo*, que com muita delicadeza estética, rompia narrativas coloniais e abria gaiolas. Estava também nas presenças dos meus colegas Kleber Cândido e Paulo Melo, na plateia comigo. Amigos que fiz outrora (lá aos dezesseis anos), dos quais, nesta Mostra estive junto comungando lembranças. E, para celebrar a ancestralidade que se fez ponte nessa noite, conheci a música de Gean Ramos, com sua voz que preenche e desenha traços no ar, uma voz que é literalmente presença. Lindo foi o seu show *Desde Que o Mundo é Mundo*.

No terceiro dia, o feminino e o masculino se encontraram em trabalhos cheios de potência. O caráter processual dos trabalhos favoreceu uma liberdade de experimentação muito rica. Diverti-me e me emocionei com eles. Em *Julgamento?!*

³ Encontraremos ao longo desse texto algumas palavras em itálico que representam os títulos dos espetáculos participantes da mostra 14 de dança.

Zezinho Lécter mostrou o depoimento pessoal como ação ativa na dramaturgia corporal. Potente e orgânica a sua relação conosco, enquanto plateia; *Fale Baixo* de Pedro Cresley, aciona tensões da vida real com a camuflagem do corpo “diva”. Foi potente ver quando a Beyoncé sublima a dor e a dança surge “com força”. O *Cativeiro* de Carol Azevedo é um exercício tocante de paisagem dançada. Seu corpo baleia transpira poesia e instala uma forte conexão com o público, eu ficaria horas naquele espaço cênico proposto por ela, contemplando o seu gesto expressivo. Eliza Oliver me tocou muito com a sua *Negativa*. Esse gesto da/o “capoeira” afirmou a sua presença de mulher negra que deve escolher entre o que negar e afirmar. Esta ambivalência apontada mostra-se também, no pensamento coreográfico e nas escolhas que ela faz enquanto composição dramática. Vi um trabalho cênico bem encaminhado, provocando sensações múltiplas no público. Axé mana!

Do começo chegamos ao meio... E no quarto dia, eu subi ao palco para mostrar um meio processo de caminhos. Era quarta-feira, dia de Xangô e nela mostrei a minha *Pedreira!* na forma de depoimento dançado. E quero registrar, dessa experiência singular, a presença das mulheres no palco. E a generosidade e atenção de Chaveirinho, Deborah Harummy, Vinicius Pereira e Fernando Pereira que dançaram comigo.

Dividi a noite com o colega Adriano Paiva, que assim como eu, veio de outra cidade (Pesqueira/PE) a convite da curadoria da Mostra. Dessa noite posso falar do meu olhar em frestas. Das frestas da coxia, assisti parte do seu *Estudo para dias melhores* e vi, a sua obstinação de vida concentrada em gestos. Especial também foi sentir a presença da Nally Maria nas coxias, cuidando de nós. De onde eu estava à via, por uma coxia e outra, atenta ao nosso dançar. E levo comigo a frase que me disse, depois de me abraçar, antes de eu entrar em cena: - Isso aqui, hoje, está com uma energia...

No quinto dia, Tássio Tavares desdobrou a experimentação performativa com o seu corpo gay, belo e pulsante no seu *24&4*. - Que força! Que trabalho instigante! Ousado com a força da linguagem queer e provocativo nas junções que promove entre dança, corpo e espaço, dramaturgicamente. A dança vídeo clipe é viva e já bem autoral. (-Ainda mais banheiro e chuveiro pra tu!)

Kleber Cândido, nosso Klebinho, o seu trabalho *Quero ser uma Lapinha* me tocou pela sua presença arrojada de dançarino experiente e inquieto. Bonito ver seu corpo revestido de luzes buscando poesia. O *Corpo Relatório* de Alexandre Santos me

deixou provocado, inquieto na cadeira. A dimensão performática do exercício é instigante e trouxe-me mais perguntas do que respostas. Tomara eu possa compartilhá-la com ele em algum momento. O *Corpo em Risco* da Confraria 27 apresenta a força do coletivo que até então eu não conhecia. Que alegria a minha, de assistir uma obra delicada que me absorveu completamente pela sua poesia. Gratidão e vida longa ao espetáculo e ao coletivo.

Na última noite de apresentações, o coletivo *Qualquer Um dos 2* estreou o seu *Cavalo*. Que bonita estreia, gente. Signo de resistência, não só pelo tema que o trabalho traz, mas, pelo contexto de guerra em que estamos: crise sanitária, desgoverno, educação e a cultura em ruínas. Estar em tropa é um exemplo de sobrevivência e eles mostraram isso. O espetáculo me tomou pela força, pela beleza dos intérpretes em comunhão e pela urgência do tema, que denuncia essa heterossexualidade histórica e danosa. Que sigam juntas trotando e construindo mais espaços. Feliz em ver a trajetória do grupo marcada por esse trabalho. Uma junção de masculinos plurais que dançam.

Durante toda a semana, me vi e revi: enquanto artista, pessoa, cidadão, etc. Esse tempo de encontros e estadia numa outra paisagem, que a Mostra proporciona, mexe com o nosso modo de agir. Parabéns por sustentarem essa proposta tão rara em outros festivais, essa, do convívio. Há tempos não vivia isto. Sim, saí modificado. Foi uma intensidade de recados, dúvidas, convívios, dramaturgias pessoais, poesias, ruídos e sensações, por vezes, até contrárias. Um exercício de integridade que vai muito além do artístico. Desculpem-me a viagem pessoal, mas é Pedreira! Não tá fácil pra ninguém, hahahaha. E essa carta também é um desabafo. Rs

Sei que esta foi uma edição especial devido às limitações sobre aglomeração, mas, registro que senti a falta, como aconteceu em outras edições, de estarmos mais juntos em outras programações durante os dias. Não é crítica, mas apenas registro do desejo. Porque, ao mesmo tempo em que me sentia num encontro coletivo, por vezes também me sentia só e ocioso. Bem, pensando agora, talvez isto até seja bom, relativizar o tempo entre a ausência e a presença.

Um ponto que também queria destacar é sobre a importância do evento na cidade. É um risco montar uma programação em “dança contemporânea” com tantos trabalhos processuais de caráter experimental. Isto é de uma potência tamanha! O público tem acesso a outras maneiras de se ver no mundo e de construir subjetividades.

Ou seja, a Mostra tem sua singularidade marcada, oferecendo arte e formando o público da cidade, ao mesmo tempo. Percebi que esta edição com tantos trabalhos de dramaturgias pessoais, friccionando o particular e o político, foi um acerto. Parabéns pelo trabalho alcançado nesses 9 anos.

Por fim, o que seria um fim, se torna começo. Esse é o tema desta edição que remete a uma cosmovisão. No último dia da programação, atravessamos o rio e dançamos nas águas do Velho Chico, proferimos palavras e gestos. Saudamos os ancestrais ao pé do baobá. E comemos. Celebramos o ato de estar juntas, porque festejar é também renascer e renovar a presença, podendo ligar os tempos: amanhã, hoje e ontem.

Mediar a *Conversa de boca cheia* com a amiga e parceira Galiana Brasil, foi para mim, ligar os tempos e perpetuar a história. Uma história de vida que não começa agora. Bem como falei, fiz um movimento no tempo, dos dezesseis anos até hoje e estas pessoas são personagens desse conto. Gal, te devolvo a minha presença (que nunca foi ausência) e o meu amor. E te ofereço o *COMEÇO* de tudo o que desejas: a vida em movimento. Dança. Companheiros de Mostra vos *devolvo* a minha partilha sensível, cheia de carinho e gratidão e vos ofereço esta carta/ensaio/conversa com a força do agora.

Viver é partir

Voltar e repartir

Partir, voltar e repartir

É tudo pra ontem.

Canção do Emicida.

Nós estávamos aqui AMANHÃ - Miradas para plurimasculinidades

A *Transformância* segue – dançando muitas vezes em segredo – desde que o mundo é mundo. A norma branca, cis, patriarcal impõe um cativado àqueles cujo, corpos, corpas, cujas existências insistem em transgredir, propondo à vida uma via *NegAtiva*.

São existências em julgamento, o tempo todo pedindo que o mundo não machuque, não invisibilize, não mate... fale baixo se não gritaremos, todes, indígenas, negres, LGBTQIA+ e nosSES aliades, pois para quem a vida é pedreira existir é sempre combativo, é pensar discursos, embates, estratégias, estudos para dias melhores...

Mas ainda estamos longe de uma existência pacificada. A paz continua branca demais, hétero normativa demais, patriarcal demais... a paz é um tédio, escolhe e coloniza quem pode adentrar o seu manto TRANSlúcido... ela não adere aos corpos em risco: pretes, indígenas, cabocles, às *corpas-fanta* aos corpos-relatórios, corpos-lapinha, aos corpos e corpas libertes. Nosso firmamento é fundamento, nossa dízima, infinita 24 & 4, de 4, pelos 4 cantos, cruzos, encruzas, macumbas e mandingas.

Os corpos e corpas, nesses dias, foram cavalos para que se assentassem discursos, urgências, denúncias, renúncias, violências, mas não só... também evocaram femininos, constelaram suas ancestralidades, deram a ver fraturas, fissuras, querências, ausências e muitas assimetrias.

Das potências: Assinalamos as singularidades desses corpos forjados em permanente trânsito, em ponte, atravessados pelas águas, os repertórios, os ajuntamentos, a pertinência, os pés fincados em seus contextos, a propriedade dos lugares de onde falam, a relação afetiva com a dança, os coletivos irmanados, as trocas, afetos e contaminações.

Dos pontos de atenção (sugiro por reparo): dificuldade em fazer escolhas. O que fica na cena? Qual o drama (se há)? A tese, o problema...? Do que estamos mesmo tratando? Quando o texto é fala, quando se manifesta por outras vias (aliás, luz é texto, espaço é texto, materialidades são e estão - ou deveriam estar - contando algo também e, por fim, a urgência de ampliar o olhar/escuta para as criaturas que recebem (isso que chamamos público). Este é um dos embates históricos da dança (com exceção daquelas que cunhamos como tradicionais, populares, aquelas que não fazem separação simbólica entre quem faz e quem vê, àquelas que convidam e agregam), a recorrência do “ensimesmamento”, uma quase indiferença em relação a quem está “fora”. E por favor, não entendam essa fala como necessidade de “interação” ou concessão, que se evite, nesse caso, qualquer literalidade!

Os públicos podem e devem ser provocados, desestabilizados, contrariados. Mas até para que isso se manifeste eles precisam ser incluídos na obra. Precisam ver e ouvir da forma que o fazem (esse ver/ouvir também não é literal) precisam ter algum campo de mirada, precisam sentir-se parte (alguma parte) dessa festa, para que não repliquemos, ainda que sem intenção, a postura seletiva de uma paz autocentrada.

A abertura para a construção e o reconhecimento de outras masculinidades está no centro do debate. Ela não é apenas uma questão do gênero ou identidade para quem a carrega, é uma questão que atravessa a todes, que implica em lançar um olhar para dores e atravessamentos carregados historicamente por essas existências, para além da toxidade e dos danos que essa identidade-norma impõem no presente.

Ao iniciar o processo artístico com *Cavalo*, ainda em 2016, a *Qualquer Um dos Dois* antecipou um debate tão atizado nesse 2020, abrindo esse ponto e tudo com o que dele reverbera. Vimos os intérpretes da cia, em mergulhos interiores, perscrutando, perseguindo e trazendo à superfície partes de suas histórias, escritos em palavras, inscrições corpóreas, na diversidade de discursos e poéticas relacionados a esse universo.

Toda essa busca rebenta agora nessa estreia que assenta também um exercício de pós-curadoria colaborativa que, a convite de André Vitor e Jailson Lima, iniciei de forma intuitiva nesta Mostra. Somente agora entendi. O sentido se fez no curso dessa última apresentação que, em verdade, é uma abertura. Evocando esse trabalho retomo o início dessa mirada, que implicou na reunião de todas as obras que deram corpo e costura a esse encontro, firmando, também, o sentido de recomeço que nos guiou nessa experiência.

Aqui é o começo de novo, assim me despeço para recomeçar, outra vez e sempre com o corpo lavado nas águas desse rio que tem nome masculino, nos lembrando de que todas as energias têm sua função no cosmos, podem coexistir em harmonia e que é preciso conhecer para CURAR.

REFERÊNCIAS

BONDIA, Larrosa, Jorge. “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”. **Revista Brasileira de Educação**, Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

RUFINO, L. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.